

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA  
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:  
AGENDA PARA DISCUSSÃO

Atena  
Editora  
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA  
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:  
AGENDA PARA DISCUSSÃO

  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino

### PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>44</b>
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>52</b>
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919127</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>61</b>
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>71</b>
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919129</b>	
<b>PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>79</b>
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>93</b>
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>106</b>
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>118</b>
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>131</b>
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>137</b>
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191215</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>153</b>
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>166</b>
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>182</b>
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191218</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>194</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>195</b>

## A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA

Data de aceite: 18/11/2019

### Rafael de Souza Bertante

Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, cursa atualmente Doutorado em Ciência da Religião pela mesma instituição.

Contato: rbertante@gmail.com .

\* O artigo foi pensado inicialmente para apresentação no evento “Diálogos Inter-Religiosos e Intercultural, no centenário de Raimon Panikkar”, ocorrido em 2018.

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar as divergências ocorridas entre a Igreja Católica e a Maçonaria na cidade de Juiz de Fora entre fins do século XIX e princípios do século XX. Os embates entre essas duas instituições foram denominados como “Questão Religiosa” e também foi presenciado em outras partes do país. Nesse contexto em específico, vemos o município de Juiz de Fora passando por significativas mudanças em termos de urbanização e modernidade, que alteravam não só o cenário paisagístico e financeiro, mas também, os planos das ideias e a circularidade de culturas distintas pela cidade. Paralelamente a esse desenvolvimento, o catolicismo local buscava reafirmar alguns princípios e se aproximar do catolicismo romano, fazendo assim, alterações em suas posturas, além de intervir na dinâmica de parte da cidade, no

qual estava inserido. Para realizar esse artigo, nos apoiamos em textos que contextualizam o momento vivido pela cidade, como a Maçonaria funcionava no município e sobre as reformas que a Igreja Católica passava. Por fim, para compreender como estava se desenvolvendo a “Questão Religiosa” em Juiz de Fora, iremos recorrer a literatura da época e a leitura e análise de jornais, principal veículo de informação sobre as divergências existentes entre ambas instituições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juiz de Fora, Maçonaria, Reforma Católica, Romanização.

### THE “RELIGIOUS QUESTION” IN MANCHESTER MINEIRA: THE DIFFERENCES BETWEEN THE CATHOLIC CHURCH AND FREEMASONRY BETWEEN THE LATE 19TH AND EARLY 20TH CENTURIES IN THE CITY OF JUIZ DE FORA

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the divergences between the Catholic Church and Freemasonry in the city of Juiz de Fora between the late 19th and early 20th centuries. The clashes between these two institutions were termed as “Religious Question” and was also witnessed in other parts of the country. In this specific context, we see the city of Juiz de Fora undergoing significant changes in terms of urbanization and modernity, which altered

not only the landscape and financial scenario, but also the plans of ideas and the circularity of different cultures throughout the city. Parallel to this development, local Catholicism sought to reaffirm some principles and approach Roman Catholicism, thus making changes in their postures, as well as intervening in the dynamics of part of the city in which it was inserted. To make this article, we rely on texts that contextualize the moment lived by the city, how Freemasonry worked in the municipality and on the reforms that the Catholic Church was going through. Finally, to understand how the “Religious Question” was developing in Juiz de Fora, we will use the literature of the time and the reading and analysis of newspapers, the main vehicle for information about the differences between the two institutions.

**KEYWORDS:** Juiz de Fora, Freemasonry, Catholic Reform, Romanization

## 1 | INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a cidade de Juiz de Fora viveu um contexto de modernização e se constituiu como um dos principais núcleos urbano e industrial de Minas Gerais (PIRES, 2009, p.20). Essas mudanças ocorreram junto ao desenvolvimento de diversas obras de infraestruturas e uma intensificação cada vez maior do comércio e da indústria local. Circunstâncias que funcionaram como atração para diversos imigrantes à Juiz de Fora e junto a eles, culturas e costumes diversos aos vividos pela maior parte do estado.

A circularidade de novas ideias em Juiz de Fora chamou a atenção da Igreja Católica que, em um contexto nacional, se reformulava, abandonando práticas devocionais de um catolicismo luso-brasileiro e procurando se aproximar do catolicismo europeu. Entre as principais preocupações da instituição estavam à defesa de valores tradicionais e uma tentativa de conter o avanço da liberdade religiosa (CASTRO, 2008, p.44 e 59). Esse momento ficou conhecido na história brasileira como “Questão Religiosa” (BARATA, 1999, p.95), onde elencamos, para este trabalho, como principais medidas o Processo de Romanização e a Reforma Ultramontana.

Momentaneamente a essas reformas, a Maçonaria se estabilizava na cidade de Juiz de Fora, iniciando diversos cidadãos, sobretudo, empresários e intelectuais para as “Luzes”. O crescimento dessa ordem logo chamou a atenção de autoridades religiosas, que entendiam a Maçonaria como uma instituição perigosa. Assim, bispos e sacerdotes mais ligados às reformas católicas procuravam questionar as ações desses maçons em Juiz de Fora durante seus sermões e em seus textos publicados em jornais, formando assim, ideias negativas sobre a ordem. Dessa forma vários debates transcorreram na cidade, sendo que muitos deles foram noticiados em

periódicos locais ou em relatos de pessoas contemporâneas a “Questão Religiosa”.

## 2 | JUIZ DE FORA, A “MANCHESTER MINEIRA”

A cidade de Juiz de Fora se encontra localizada na região da Zona da Mata Mineira. Estrategicamente posicionada entre o interior de Minas Gerais e a cidade do Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Até meados do século XIX, o seu território geográfico serviu como ponto de passagem, de abastecimento e de descanso para as várias tropas que escoavam o ouro e demais mercadorias até à Capital do Império através do “Caminho Novo”<sup>2</sup>. Como apresentamos em outro trabalho, de maneira genérica, quando se pensa ou se fala em Minas Gerais, logo perpassam ideias sobre sua culinária típica, a sua arquitetura Barroca e o seu catolicismo presente, sobretudo nas suas cidades mais antigas. Contudo, este cenário não prevaleceu em todas as cidades mineiras. A intensa produção mineradora - que é bem verdade, auxiliou na construção desse cenário “barroco” - sofreu inúmeras baixas ao longo do século XIX, que culminaram em uma diversificação da economia de Minas, sobretudo em direção a áreas menos exploradas (BERTANTE, 2017, p.11).

A busca por novas oportunidades de trabalho e novas formas de sobrevivência, conduziu diversas pessoas para a Zona da Mata, que até pelo menos meados do século XIX, encontrava-se relativamente despovoada e composta por imensas áreas de matas virgens (PIRES, 2009, p.17). As características dessa região foram suficientes para atender a setores da produção de alimentos agrícolas, a pecuária e principalmente, para o desenvolvimento das lavouras de café (MIRANDA, 1990, p.86), que se expandiram ligeiramente de meados do século XIX até o seu final do século XIX (OLIVEIRA, 1991, p.34 e 42.), distinguindo de vez a Zona da Mata Mineira, das demais regiões da Província, especialmente no que tange a aspectos paisagísticos e econômicos.

Entre as cidades da Zona da Mata, Juiz de Fora logo se destacou e já em fins do século XIX, passou a dispor de um rico patrimônio arquitetônico e artístico, pincelado de influências da colonização alemã e dos mestres de obras italianos (OLENDER, 2011, p.59). Esse seu crescimento e a sua modernização foi percebido e citado por várias pessoas que por ela passava. O fato foi inclusive reportado em um jornal local chamado “O Pharol”, no dia 05 de abril de 1919. Nessa edição, aparecem diversas denominações vinculadas a cidade, ditas por “forasteiros ilustres”. Segundo o jornal, o Visconde de Ouro Preto, foi o primeiro a lhe consagrar como a “Princesa de Minas”, termo fazia uma alusão à beleza da cidade. Também há referências, como a do poeta Antonio de Azevedo, que chamou Juiz de Fora de “Manchester de Minas”, referindo as suas indústrias. Arthur Azevedo que a intitulou como “Athenas Mineira”, pensando

1 Na época, Rio de Janeiro era a Capital do país.

2 Para mais detalhes sobre o “Caminho Novo”, ver em MIRANDA, 1990, p.85.

no desenvolvimento intelectual da cidade. Sylvio Romero encantado com a cidade, disse que via nesse local uma “Europa dos pobres”, a “excelência de nosso meio para as modestas excursões de prazer dos que não podem ir a Europa”. E ainda, Ruy Barbosa que a chamou de “Barcelona Mineira”, pensando na sua vida industrial, no seu liberalismo e na sua cultura (Jornal “O Pharol” – 05 de abr de 1919. p. 1).

Mas podemos perceber, ainda nos dias de hoje, que o termo “Manchester de Minas” foi o que mais perpetuou dentro da história do município, como disse o historiador local, Paulino de Oliveira:

“Nenhum dos títulos conferidos a Juiz de Fora por personalidades ilustres que a visitaram e admiraram o seu progresso, desde os primeiros anos de sua existência com foros de cidade, lhe calhou tão bem como ‘Manchester Mineira’, a ela atribuído, logo se vê, em virtude do extraordinário desenvolvimento industrial e, principalmente, de indústria têxtil” (OLIVEIRA, 1966, p.201).

O rápido desenvolvimento das lavouras de café e a posição geográfica de Juiz de Fora, lhe proporcionaram um acúmulo interno de capitais (OLIVEIRA, 1991, p.45) responsável pela atração de mercados de consumo e a abertura de caminhos para importantes investimentos no município (MIRANDA, 1990, p.87), muitos deles traduzidos na ampliação e execução de serviços públicos, na criação de instituições financeiras (PIRES, 2009:78-80) e, como apontou Maraliz Christo, a própria,

Face da cidade, ainda marcada por edificações que lembravam a herança colonial portuguesa, [que] vai-se modificando com a introdução de uma arquitetura mais sofisticada, principalmente na Avenida Rio Branco, antes Rua da Direita, e nas ruas centrais, em direção ao Alto dos Passos, região onde também se concentravam os investimentos públicos (CHRISTO, 2000, p.142).

Junto a todas essas mudanças, percebe-se a chegada de um número significativo de imigrantes que buscavam em Juiz de Fora e em sua região, ofertas de trabalhos que possibilitassem melhorar a sua condição de vida. O interessante notar é que, junto dessas pessoas, novos hábitos, costumes, culturas e até mesmo religiões eram incorporadas ao desenvolvimento da cidade e transformavam a rotina de vida do município. A alteração de comportamentos e da rotina espiritual da cidade logo chamou a atenção de autoridades religiosas, como a do Bispo de Mariana, D. Silvério, que chegou a falar na existência de certo “pluralismo religioso” em Juiz de Fora, uma vez que se via luteranos, metodistas, espíritas e outros se espalhando pelos bairros da cidade (FERENZINI, 2010, p.65).

### **3 | UM OLHAR SOBRE A MAÇONARIA EM JUIZ DE FORA**

O desenvolvimento e a modernização vivido por Juiz de Fora abriram caminhos para a construção de diversos meios de sociabilidade, que possibilitaram a circulação

de novas ideias, principalmente, em meio a elite da cidade. Entre esses locais, pode-se destacar os teatros, os cafés, as cervejarias, os parques, as associações e também, o desenvolvimento da Maçonaria (GENOVEZ, 1996, p.61). A Maçonaria é comumente identificada como uma instituição monolítica e unitária (BARATA, 1999, p.23 e 33). Contudo, a pesquisadora Françoise Souza, a compara com um longo tecido que, se observado a distância, aparenta forma e cor homogênea, mas quando analisado de perto, esse tecido maçônico acaba se revelando um verdadeiro emaranhado que entrecruza diferentes matizes, sendo elas unidas por pontos de interseção, responsáveis por constituir o que se entende como identidade maçônica. A Maçonaria não se reconhece como uma sociedade religiosa, apesar disso, é necessário que os candidatos e seus membros acreditem na existência do “Grande Arquiteto do Universo”<sup>3</sup> (SOUZA, 2015, p.38). Pode-se ainda acrescentar que a instituição é um importante centro de difusão e circulação de ideias (CASTRO, 2008, p.06), uma vez que funciona em caráter secreto e em ambientes propícios a discussões dos mais variados assuntos.

Discute-se muito a respeito das origens da Maçonaria. Os estudos sobre sua gênese mesclam fatos e lendas. Os fatos com caráter lendário normalmente retornam ao momento de construção do Templo de Salomão e as corporações de construtores medievais (CASTRO, 2008, p.06). Escritores maçons entendem que, primitivamente, ela era constituída por operários de várias categorias, mas todos relacionados à arte da construção. Esses homens eram os responsáveis pela construção de igrejas, catedrais, casas e palácios e, em função da natureza deste trabalho, não se vinculam a nenhuma cidade ou feudo. Sendo assim, tinham a livre circulação, a não sujeição a servidão e o não pagamento de tributos. Aos poucos, essas pessoas vão sendo identificadas como franco-maçom, que traduzido do francês para o português quer dizer aproximadamente “pedreiro-livre”. Esses grupos, inicialmente ligados a construção, com o tempo, foram ganhando a conotação de uma “Loja”, que se caracteriza por reunião de maçons com a finalidade precípua de tratar sobre assuntos maçônicos (CASTRO, 2002, p.41 e 45). Assim, os assuntos de cunho profissionais, incorporaram uma gama ritos e símbolos, que as vezes eram bem próximos aos conteúdos religiosos, além de passar a preocupar com atividades caritativas, como o socorro aos doentes (MOREL; SOUZA, 2008, p.40).

Por outro lado, uma grande parte de historiadores têm concordado que as feições da Maçonaria moderna tiveram origem na Grã-Bretanha, primeiramente em lojas escocesas, em seguida pelas lojas inglesas (CASTRO, 2008, p.14), tendo como marco a fundação em 1717 da Grande Loja de Londres. Esse momento ficou caracterizado pelo o abandono de alguns aspectos ligados as velhas confrarias de

---

3 É necessário que o maçom acredite na existência de Deus, que na Maçonaria é chamado de o “Grande Arquiteto do Universo”.

pedreiros da época medieval (BARATA, 1999, p.29) e pela a adoção do trabalho realizado pelo pastor presbiteriano James Anderson, que passaria a ser entendido como a história, as obrigações e os regulamentos da antiga Confraria compilados em códigos a serem seguidos como deveres pelos franco-maçons (BARATA, 1999, p.12 e 13). O livro com as “Constituições de James Anderson” foi publicado no ano de 1723, congregando as antigas lojas e trazendo discussões acerca da defesa do racionalismo e da tolerância. A partir de então, a instituição ganhou um caráter mais filosófico e os membros aceitos, deveriam passar a seguir princípios como os de serem “homens bons e leais, nascidos livres, ter idade adulta e deveriam ter boa reputação”. Dessa forma, a Maçonaria moderna agrega para si, a função de desenvolver o aprimoramento moral e intelectual de seus membros (BARATA, 1999, p.30), ganhando então, uma ampla adesão que lhe difunde rapidamente por todo o mundo.

A formação desses grupos de caráter secreto constituía um meio propício para a discussão de assuntos que, antes, não poderiam ser tratados em locais públicos, isso acabava incomodando a alguns Governos, assim como incomodou por muito tempo a Igreja Católica, pois a Maçonaria afirmava-se como um lugar onde homens podem colocar suas ideias e opiniões sem nenhuma restrição. Esta característica da sociabilidade maçônica, aliada ao seu caráter secreto, levou muitos pensadores a procurá-la como abrigo, em diferentes contextos de perseguições (SOUZA, 2015, p.22).

No Brasil, a historiografia tem entendido que a inserção da Maçonaria ocorreu, devido o reflexo do movimento de estudantes que deixavam a colônia para estudarem em universidades europeias, em especial nas de Coimbra e Montpellier, já mais para o final do século XVIII. Uma vez apresentados e iniciados a tal ordem e retornarem ao Brasil, esses homens acabavam por iniciar novos membros e aos poucos criavam lojas nos locais em que viviam, sobretudo, nos centros urbanos das províncias do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco (Barata, 1999, p.64). Após chegada da Maçonaria no país e a constituição das primeiras lojas, vê-se períodos instáveis de aceitação, indiferença e recusa a essa instituição. Por diversas vezes, autoridades civis e da Igreja Católica, acentuaram perseguições e proibições aos que faziam parte da Maçonaria, enquanto em outros momentos, os toleravam e inclusive, chegavam a participar da mesma. Aconteceu com o caso de importantes personagens do cenário político do Brasil, como Dom Pedro I, Dom Pedro II e Visconde do Rio Branco, serem associados como membros da Maçonaria (CASTRO, 2008, p.15 a 18).

Em Minas Gerais a Maçonaria chegou de forma significativa nas três últimas décadas do século XIX. Consigo, trouxe novas oportunidades de sociabilização por meio da edificação de bibliotecas, escolas, da organização de festas e da circulação de seus jornais. Os núcleos mineiros, com maior adesão a ordem foram o da Zona

da Mata e o do Sul de Minas<sup>4</sup>. É perceptível que os contextos urbanos propiciem à recepção de novas ideias, valores e modelos de sociabilidade e esses meios acabam por constituírem locais privilegiados para a construção de debates acerca das transformações políticas, econômicas e sociais da sociedade.

Juiz de Fora, presenciou a constituição da primeira loja maçônica de Minas Gerais. Possivelmente a sua importante participação entre os processos de modernização capitalistas de Minas e a busca por parte da sua elite rural e urbanizada, em viver no estilo de vida como o da burguesia europeia - culta, moderna e civilizada – favoreceram o desenvolvimento da secularização do espaço público, abrindo assim, um espaço favorável para a implantação da Maçonaria. A loja, chamada “Fidelidade Mineira”, registrou sua primeira reunião em 1870, funcionando provisoriamente, durante alguns anos, até ser oficialmente instalada em 1873. Outra singularidade desta loja, foi o fato dela ter sido a primeira instituição da cidade e da América do Sul, a utilizar energia hidrelétrica, em 1889 (CASTRO, 2008, p.19 a 27), certamente foram muitos os esforços para acenderem a primeira luz, nesse local de propagação das “Luzes”.

A liberdade de expressar uma fé, bem como conviver com pessoas de credos diferentes foi, sem dúvida, um dos principais responsáveis pela rápida expansão da ordem pelo mundo, bem como pelas ferozes críticas a ela remetidas. Entretanto, a modernidade maçônica encontra seus limites na própria constituição da ordem, que não admite ser um ateu ou um “libertino irreligioso”. Assim, um dos pré-requisitos para entrar na ordem é possuir uma religião e crer em um princípio criador, expresso na linguagem dos pedreiros livres, como o “Grande Arquiteto do Universo”. Princípio que não passava de uma visão deísta, baseada na crença em um Deus sem atributos morais e intelectuais, como apregoavam muitos iluministas (SOUZA, 2015, p. 23).

#### **4 | AS REFORMAS DA IGREJA CATÓLICA CHEGAM A JUIZ DE FORA**

Por volta de meados do século XIX, até princípios do século XX, a Igreja Católica passou por grandes Reformas. Tratando-se em específico do Brasil, essas Reformas significaram a substituição do antigo modelo colonial, entendido como Cristandade, para um novo modelo eclesial ultramontano e marcado por um processo de romanização. (FERENZINI, 2010, p.39). Nesse recorte temporal, apesar da Igreja Católica brasileira ser a responsável por portar o pensamento conservador e por isso procurava impedir o pensamento liberal e positivista de se renovar pelo país (BARATA, 1999, p.21), ela própria passava por condições precárias do ponto de vista espiritual, uma vez que o clero católico brasileiro era apontado como ignorante ou heterodoxo,

<sup>4</sup> Tais regiões se caracterizaram pelo desenvolvimento urbano, conseqüente da expansão da produção cafeeira.

por inúmeras vezes, se envolvia em política e em alguns casos possuía membros que violavam as regras do celibato. Outro problema que rondava a instituição no país era estar sob o controle do Estado, assim, os usos e os abusos do Direito do Padroado, da Coroa, acabava por enfraquecer ainda mais a independência da Igreja (VIEIRA, 1980, p.27).

Percebendo todos esses problemas, algumas autoridades religiosas procuraram se aproximar de Reformas, já implantadas fora do Brasil, como a reforma ultramontana e o processo de romanização, centralizada nas diretrizes da Santa Sé. Essas mudanças visavam, principalmente, substituir o catolicismo luso-brasileiro por um catolicismo mais de acordo com o modelo romano e suplantando assim, as características medievais, de cunho mais familiar e devocional (FERENZINI, 2010, p.41).

O termo ultramontano é originado da França, tendo como ponto de partida o conflito que opôs Filipe IV e Bonifácio VIII, pelo fato de os papas residirem para além das montanhas em relação a França. Assim o Ultramontanismo constituiu-se, na teoria, como a subordinação do rei e dos eclesiásticos na França ao Papa (FERENZINI, 2010, p.40). No século XI, esse termo descreveu os cristãos que buscavam a liderança de Roma “do outro lado da montanha”, ou os que defendiam o ponto de vista dos papas, ou, ainda, os davam apoio à política dos mesmos. No século XV, o termo foi novamente empregado para descrever aqueles que se opunham às pretensões da Igreja Galicana (VIEIRA, 1980, p.32). E no século XIX, a Reforma Ultramontana, a grosso modo, visava colocar a Igreja Católica não apenas numa posição a favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado, mas também, contra uma série de instituições que eram consideradas erradas e perigosas para a Igreja, entre essas estavam o protestantismo, a maçonaria, o socialismo, o racionalismo e todos os tipos de liberalismo (VIEIRA, 1980, p.33).

A reforma da Igreja Católica no Brasil ainda contou com o processo Romanização que preconizava o monopólio jurisdicional da Igreja Romana e do papado sobre as igrejas particulares, a reforma do clero, o incentivo pela atuação de congregações europeias, a substituição do tradicional catolicismo luso-brasileiro por um catolicismo romanizado, a subordinação dos leigos ao poder clerical, dentre outras (FERENZINI, 2010. p.21, 22 e 43).

Essas reformas tiveram um marco significativo na década de 1890, após ter ocorrido a Proclamação da República e a separação legal entre o Estado e a Igreja Católica. Assim, a instituição católica passa a usufruir de uma maior liberdade de ação. Cabe ressaltar que, apesar desta separação, o Estado Republicano manteve relações com a Igreja Católica, sobretudo no que diz respeito à direção intelectual e moral para a sociedade, tendo assim o intuito de formar bons cidadãos e bons católicos (FERENZINI, 2010. p.54 e 55). Para realizar o investimento intelectual,

vê-se a chegada de diversas instituições religiosas para o país e um movimento de saída do clero brasileiro para se formar no exterior (VIEIRA, 1980. p.33).

Este conjunto de medidas empreendidas a partir de fins do século XIX, também chegou a Juiz de Fora, procurando satisfazer, sobretudo, aos anseios de Dom Silvério Gomes Pimenta<sup>5</sup>, que se mostrava preocupado com a diversidade religiosa vivida na cidade. Em uma breve observação, pode-se perceber a presença de católicos e luteranos na colônia alemã, bem como pela presença de metodistas norte-americanos, grupos de espíritas e da ação da Maçonaria espalhada por toda cidade (FERENZINI, 2010. p.16).

Para trabalhar ao lado das ideias de Dom Silvério, destacam-se na cidade três sacerdotes, sendo eles, Padre Dr. Venâncio de Aguiar Café, Padre Júlio Maria e Padre João Emílio Ferreira da Silva<sup>6</sup>. Depois deles, também se vê a chegada de congregações religiosas europeias, entre elas Congregação do Santíssimo Redentor em 1894, a Congregação do Verbo Divino em 1900, as Irmãs de Santa Catarina em 1898, Irmãs Servas do Espírito Santo em 1902, e as Irmãs do Bom Pastor em 1902 (FERENZINI, 2010. p.59 e 61).

Portanto, para o movimento de reforma, esperava-se o afastamento dos agentes que promoviam a religião oriunda das camadas populares, como por exemplo, os benzedores e os rezadores, os substituindo por clérigos europeus ou de formação baseada nas reformas da Igreja Católica europeia. No primeiro momento deste novo modelo eclesial fica perceptível, que as expressões religiosas se apresentam distantes das raízes culturais do país, as caracterizando com algo realmente importado. Os reformistas buscavam eliminar elementos que eram caracterizados como profanos no culto religioso, colocar o clero na total administração das manifestações de culto e também à frente das associações religiosas, de modo a poder utilizá-las como instrumento da catequese popular (AZZI, 2000. p.19).

## 5 | OS EMBATES ENTRE A MAÇONARIA E A IGREJA CATÓLICA

As lojas maçônicas desempenharam um importante papel de ação política

---

5 Arcebispo da Arquidiocese de Mariana, a qual Juiz de Fora fazia parte.

6 Em uma breve apresentação temos que o padre Venâncio Ribeiro de Aguiar Café teve sua formação junto aos padres lazaristas, onde aprendeu sobre o espírito ultramontano. Ordenou-se sacerdote em 1873. Chegou a ser deputado provincial em 1880, pelo Partido Liberal, e em 1886 foi morar em Juiz de Fora, onde atuou junto ao magistério. Chegou ainda a morar em Roma, onde se doutorou em teologia e em direito canônico. O padre Júlio Maria, ou Júlio César de Moraes Carneiro formou-se em Direito, na Academia de Direito de São Paulo em 1875. Foi promotor público em Mar de Espanha. Ficou viúvo por duas vezes, quando se decidiu ingressar no seminário de Mariana. Ordenou-se sacerdote em 1891 e em 1892 foi residir em Juiz de Fora. Por fim, o padre João Emílio Ferreira da Silva estudou humanidades em Congonhas, e logo depois se matriculou no seminário de Mariana. Ordenou-se sacerdote em 1886, e em 1888 tornou-se capelão em Juiz de Fora. Escrevia no jornal “O Pharol” sobre instituições de caridade. Inclusive fundou a Associação Protetora da pobreza, na cidade (AZZI, 2000. p.101, 103 e 106).

que atendia aos ideais e objetivos de uma burguesia. Por funcionarem em um local fechado e seguro, seus membros tinham a liberdade de expor seus interesses, colocar em prática seus planos de ascensão social e divulgar conceitos de modernidade e progresso (CASTRO, 2008, p.82). Possivelmente, as diversidades de pensamentos que poderiam ocorrer no interior da Maçonaria, criaram o descontentamento de muitos dos que não tinham acesso a ordem e por conta disso tinham margens para pensar absolutamente tudo o que poderia ocorrer dentro dessas lojas (BERTANTE, 2017, p.80). A Igreja Católica, foi uma das instituições que abriram constantes embates a Maçonaria do Brasil, principalmente a partir do final do século XIX (BARATA, 1999, p.68).

Como visto anteriormente, a Igreja Católica passou por momentos de reformas que visavam sobretudo, a defesa de valores tradicionais da instituição. Para isso, preocupou-se em impedir o avanço da liberdade religiosa e as alterações significativas no código ético, divulgado pelos agentes da modernidade social, como a Maçonaria, além de investir em noções mais civilizadas segundo as que a instituição vivia na Europa (CASTRO, 2008, p.44 e 59), sendo esse momento conhecido no Brasil como “Questão Religiosa”.

As acusações contra a Maçonaria faziam parte de uma longa tradição católica que teve como primeiro registro a condenação pontifícia de Clemente XII, com sua Carta Apostólica de 1738, sendo seguida por inúmeras outras por todo o século XIX. De forma geral, a maçonaria incomodava pelo caráter secreto de suas reuniões, consideradas ilícitas e suspeitas, ou pelo “segredo fielmente guardado sob juramento”. Também, incomodavam pelo perigo que poderia representar à segurança do Estado e da Igreja e o perigo para a pureza do catolicismo, decorrente da reunião de homens de várias religiões (FERENZINI, 2010, p.102). Note-se que a maçonaria representou uma das primeiras tentativas para formar-se uma irmandade ecumênica de pessoas de todas as religiões (VIEIRA, 1980, p.43).

Os embates da Igreja Católica eram intensos, seus periódicos traziam notas acusando jornais locais de compartilharem dos ideais maçônicos (CASTRO, 2008, p.82) - uma vez que a maçonaria também utilizava desses veículos para a sua comunicação<sup>7</sup> - e nos seus sermões, desenvolviam uma série de acusações que desconstruíam tal grupo. Devido ao caráter secreto da Maçonaria e a ausência de conhecimentos a respeito da instituição brechas eram abertas para que a população comum e leiga ao assunto a acreditasse em o que lhes fossem disponíveis (CASTRO, 2008, p.10). Lendo as memórias do médico Dr. Pedro Nava, é possível encontrar diversos relatos sobre o que ele ouvia sua família falar a respeito dessa ordem,

<sup>7</sup> Os jornais locais traziam informações sobre as reuniões e festejos ocorridos na maçonaria. Normalmente os informes eram para os próprios membros, como a convocação para reunião no jornal (Jornal “O Pharol” 19 de maio de 1905 p.02). Mas as vezes haviam convites para a participação de profanos, como na edição do jornal (Jornal “O Pharol” 09 de ago de 1910 p.01).

como o “receio em caminhar em algumas partes da rua Direita”, por exemplo, quando passava em frente a “misteriosa e muda, a infame Maçonaria” (NAVA, 1983´p.266).  
Ou

Pior, muito pior que as fábricas onde os descontentes queriam ganhar mais do que precisavam; pior que o Cinema Farol e o Politeama onde tentavam timidamente os ensaios precursores da bolina, pior que os bordéis, pior que os colégios leigos e que o desaforo do colégio metodista para meninas, pior que a Cervejaria Weiss animada por Brant Horta, Amanajós de Araújo e Celso d’Ávila com guitarras, descantes, declamações de versalhada e as chagas dos tálburis carregados de “mulheres–damas” – era a Maçonaria. Sua loja ficava em plena Rua Direita, entre as do Imperador e da Imperatriz, como desafio permanente ao clero diocesano e aos cristãos-novos e velho do Alto dos Passos (NAVA, 1983, p.266).

Ainda sobre as memórias do Dr. Pedro Nava, consta que a sua irmã nasceu e logo depois o seu pai veio a falecer. A Maçonaria, como parte de sua fraternidade, decidiu pensionar a menina, até que atingisse a maioridade. Entretanto, sua mãe, instruída pelo clérigo local, achou melhor recusar o auxílio provindo do “bode preto”. Entende-se o tamanho da importância do socorro mútuo da ordem, quando se lê que mesmo o pai tendo falecido no ambiente de trabalho, a Câmara da cidade não aprovou qualquer benefício para a família, enquanto a Maçonaria, logo se prontificou a tal (NAVA, 1983, p.413). Era muito recorrente encontrar em jornais a presença de maçons em funerais de seus “irmãos” e também nos de comerciantes, proprietários e pessoas de grande importância na cidade (Jornal “O Pharol” 03 de fev de 1903 p.1). Alguns, desses maçons, se apresentavam até os repórteres dos jornais e se identificavam como representantes da loja a qual fazia parte. Acontecia, também, dessas lojas arcarem com todos os custos do funeral e em outras vezes apenas deixavam coroas de flores, como forma de homenagem póstuma.

Além dos boatos e das visões negativas que circulavam entre os “profanos”<sup>8</sup> a Igreja Católica também agia diretamente de modo a desconstruir a atuação dessas pessoas na cidade. Um episódio que ganhou repercussão na cidade foi o caso da morte do italiano e maçom Catulo Brevigliere<sup>9</sup>. O jornal Correio de Minas noticiou que esse homem estava pronto para sair para o trabalho em janeiro de 1945, quando sentiu-se mal, chamou seus familiares e caiu no chão. Sua família logo foi atender ao seu chamado, mas já o encontraram morto. Uma multidão foi até a sua casa para se despedir pela última vez. Entre os presentes havia pessoas de diversas classes sociais e religiões. Inclusive estava presentes maçons que fizeram o seu ritual de despedida. Seu enterro aconteceu na manhã seguinte também contando com um aglomerado de pessoas, que lhe prestaram as últimas palavras. Entretanto, sete dias após sua morte, a família e seus amigos receberam a notícia de que não

8 A Maçonaria chama de profano, aqueles que não pertencem a ordem.

9 O italiano Catulo Brevigliere prestou grandes serviços a Loja Fidelidade Mineira e Caridade e Firmeza e pertencia a Loja Benso di Cavour.

poderia acontecer a sua celebração de sétimo dia, devido ao mesmo pertencer a maçonaria, e isso ir contra as Leis da Igreja (Jornal “Correio de Minas” 28 de fev de 1945).

Esses episódios exemplificam como houve tentativas de desconstrução da ordem maçônica na cidade de Juiz de Fora até pelo menos meados do século XX. Contudo a Maçonaria nunca deixou de existir na cidade, pelo contrário, continuou em expansão e se mantém em atividade até os dias de hoje. A Igreja Católica, de forma geral, mantém-se com a maior parte da população da cidade, porém atuando em outras frentes de ação. A “Questão Religiosa” fez parte de um contexto específico da cidade, porém de suma importância para a historiografia local por envolver tantas instituições e pessoas significativas à construção de Juiz de Fora.

## 6 | CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar um evento específico que decorreu na virada de século em Juiz de Fora, onde, vê-se o desenvolvimento de divergências entre duas grandes instituições da cidade. De um lado tem-se a Igreja Católica, que também se encontrava em um momento de transição de postura, procurando manter sua hegemonia, como instituição e procurava manter-se como a responsável pela formação moral e ética do país, em um pós-regime do Padroado. Assim, parte dos bispos, padres da instituição, buscaram no processo de romanização do catolicismo brasileiro uma forma de aproximar o catolicismo brasileiro com o modelo romano, focando na prática dos sacramentos e obediência incondicional à hierarquia e a autoridade eclesiástica (FERENZINI, 2010, p.16, 41, 65 e 66). Enquanto do outro lado, a Maçonaria, que chegara a poucas décadas na cidade, procurava se expandir, iniciando em sua ordem, uma gama de personalidades importantes para o crescimento e desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora. Sua proposta de livre pensamento incomodava os que não pertenciam a sua ordem, mas possibilitou a sua sobrevivência até os dias de hoje.

Esse trabalho não pretende esgotar o tema “Questão Religiosa”, mas mostrar como esse assunto circulou pela cidade, atingindo a diversas pessoas, pertencentes ou não a ambas instituições, uma vez que muitos dos confrontos eram divulgados em jornais locais ou nas conversas de famílias. Espera-se que outros trabalhos possam vir a dialogar sobre tais casos, enriquecendo a memória da cidade de Juiz de Fora.

## REFERÊNCIAS

### Periódicos

Biblioteca Nacional – Hermeroteca Digital Brasileira

(<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=258822&pesq=>)

O Pharol:

O Pharol 03 de fev de 1903 p. 1.

O Pharol 01 de mar de 1903 p. 2.

O Pharol 11 de abr de 1905 p. 2.

O Pharol – 05 de abr de 1919. p. 1.

*Il Bersagliere*:

*Il Bersagliere* 15 de abr de 1905 p.2.

Arquivo da Província do Rio:

Correio de Minas:

Correio de Minas 28 de fev de 1945.

## REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. Sob o Báculo Episcopal: a Igreja Católica em Juiz de Fora, 1850-1950. Juiz de Fora: Centro de Memória da Igreja em Juiz de Fora: 2000.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BERTANTE, Rafael de Souza. **Um olhar sobre a sociabilidade italiana em Juiz de Fora**: italianos maçons e a “Unione Italiana Benso di Cavour”. Dissertação (Mestrado em História). UFJF, Juiz de Fora, 2017.

CASTRO, Boanerges Barbosa de. **Diálogos Maçônicos**. Juiz de Fora, 2002.

CASTRO, Giane de Souza. **A Cruz e o Compasso**: O conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no contexto da Reforma Católica Ultramontana em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF, Juiz de Fora, 2008.

CHRISTO, Maraliz de Castro. Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria (org.) **Solidariedades e Conflitos**: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

FERENZINI, Valéria Leão. **A “Questão São Roque”**: Devoção e conflito. Imigrantes italianos e a Igreja Católica em Juiz de Fora (1902 - 1920). São Paulo: Annablume; Juiz de Fora: Prefeitura da Cidade de Juiz de Fora, 2010.

GENOVEZ, Patrícia Falco. **As malhas do poder**: uma análise da elite de Juiz de Fora na metade do século XIX. (Dissertação de Mestrado). Niterói: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF. 1996, p.61.

MIRANDA, Sônia Regina. **Cidade, Capital e Poder**: Políticas Públicas e Questão Urbana na Velha Manchester Mineira. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói, 1990.

MOREL, Marco. “Sociabilidade entre Luzes e Sombras: Apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.28, p. 5, 2001.

MOREL, M.; SOUZA, F.J.O. **O poder da Maçonaria**: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos: Memórias I.** São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1983.

OLENDER, Marcos. Juiz de Fora e seu patrimônio arquitetônico. In: VISCARDI & OLIVEIRA (Org.). **Vivendo a história: Novas pesquisas.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em**

Juiz de Fora (1854-1920). Dissertação (Mestrado em História) Niterói, UFF, 1991.

OLIVEIRA Paulino. **História de Juiz de Fora.** Juiz de fora: 1966.

PIRES, Anderson. **Café, Finanças e Indústria: Juiz de Fora 1889-1930.** Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. Organização, Preceito e Elementos da Cultura Maçônica: Fundamentos para a introdução aos estudos da Maçonaria. In: SILVA, Michel (Org.). **Maçonaria no Brasil: História, política e sociabilidade.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**Marcelo Máximo Purificação** - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

**Elisângela Maura Catarino** - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

### C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

### D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

### E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

### G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

### H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

### I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

### L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

### M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

### N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

## P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

## R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

## S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

## T

Teologia da libertação 44, 50

## V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458